

“A RAPOSA E O DRAGÃO” DE FEDRO – A ORIGEM DE UM *TOPOS* DA FICÇÃO, OU UMA FÁBULA QUE O POPULARIZOU?

PHAEDRUS’ “THE FOX AND THE DRAGON” – THE ORIGIN OF
A *TOPOS* OF FICTION, OR A FABLE WHICH POPULARIZED IT?

MIGUEL CARVALHO ABRANTES

MESTRE EM ESTUDOS CLÁSSICOS – UNIVERSIDADE DE COIMBRA

miguel.r.abrantes@gmail.com

orcid.org /0000-0003-2098-3318

59

ARTIGO RECEBIDO A 25/10/2018 E APROVADO A 26/07/2019

Resumo: Partindo da informação presente na fábula latina “A raposa e o dragão”, da autoria de Fedro, e depois tendo em consideração outras fontes literárias da Antiguidade relevantes para o mesmo tema, este artigo pretende explorar as potenciais origens e a popularização do *topos* literário em que um dragão guarda um tesouro.

Palavras-chave: Fedro, fábula, dragão, tesouro, religião.

Abstract: Starting with the information present in the latin fable “The fox and the dragon”, authored by Phaedrus, and then taking into account other literary sources from the Antiquity relevant to the same subject, this article seeks to explore the potential origins and the popularization of the literary *topos* in which a dragon guards a treasure.

Keywords: Phaedrus, fable, dragon, treasure, religion.

Desde livros como *O Hobbit* ou a saga *Harry Potter* até videogames como *God of War* ou *Final Fantasy*, passando por filmes animados como *Shrek* ou *Moana*, nos nossos dias é comum que a presença de um grande tesouro numa obra de ficção seja acompanhada, quase sempre, por uma criatura mitológica que defende o acesso a essas riquezas. Caso queiramos, por um breve momento, deixar de lado a chamada suspensão da descrença, podemos ser levados a perguntar o que faz uma criatura nesse local e porque razão protege tamanhas riquezas como se a sua vida dependesse dessa tarefa.

A resposta que aqui propomos baseia-se numa das construções literárias de Fedro, autor romano do primeiro século da nossa era e primeiro compilador de fábulas esópicas em língua latina. Presente no quarto livro das suas *Fabulae* e aqui traduzida para Português¹, a breve trama que faz cruzar uma raposa com um dragão² diz-nos o seguinte:

- 60
- 1 *Uma raposa, ao escavar o seu covil, enquanto cava a terra
E faz muitos mais buracos
Chega ao derradeiro antro de um dragão,
Em que este guarda os seus tesouros escondidos.*
 - 5 *Assim que esta o viu, disse: “Primeiro peço desculpa, para que a minha
imprudência vejas;
Depois, se tão bem vês
O quanto o ouro não serve a esta minha vida,
Peço-te que me respondas. Que prazer obténs
Deste trabalho, qual é o teu grande prémio,*
 - 10 *Para que percas o teu sono e passes o teu tempo nas trevas?”*

¹ Texto latino em Perry 1965: 333-335, traduzido para Português pelo autor do artigo.

² O conceito de “dragão” não é estável nos autores da Antiguidade, mas este animal pode aqui ser considerado, essencialmente, como uma serpente. Se nos Poemas Homéricos as palavras *ophis* e *drakon* ainda parecem designar uma mesma criatura (e.g. *Il.* 12.195-229, em que ambas até se confundem), nos autores posteriores as duas designações vão-se afastando, e ao longo dos séculos até passam a designar seres completamente diferentes, cf. Senter 2016: 67-86.

- “Nenhum”, diz o dragão, “Na verdade, isto foi-me atribuído
 Pelo magno Júpiter”. “Por isso, nem a ti,
 Nem a mais ninguém, dás nada?” “O Destino assim o decidi”.
 “Não desejo que te zangues; em verdade te digo:
- 15 Nasceu com a ira dos deuses quem é semelhante a ti”.
 Já que irás para onde partiram os que vieram antes de ti,
 Com que mente cega e mísera torturas o teu espírito?
 Digo-te, ó avarento, que és a alegria do teu herdeiro,
 Que não dás incenso aos céus e te privas de comida,
- 20 Que ouves triste o som do tocador de cítara,
 Que enfraqueces a alegria das flautas,
 Que exprimes com um gemido os preços das comidas,
 Que enquanto juntas dinheiro ao teu património
 Fatigas o céu com um sórdido perjúrio,
- 25 E que circundas todas as despesas fúnebres
 Para que nem Libitina³ faça de ti lucro.

Esta fábula, como tantas outras, pode ser dividida em dois momentos essenciais. Se o segundo deles, que começa no décimo-sexto verso, é uma espécie de moral destinada a fazer pensar todos aqueles que se revêm no carácter (quase) avarento do dragão, é-nos da maior importância o primeiro momento. É nele que surge uma breve trama, em que uma raposa, ao seguir a sua rotina diária, acaba, de forma inesperada, por se encontrar no obscuro antro de um dragão, que o texto latino designa como uma *spelunca*. Curiosa, pergunta-lhe o que faz ele nesse local, tendo lugar um breve diálogo que revela três pontos importantes.

Em primeiro lugar, a raposa faz questão de frisar que não tem qualquer interesse real no ouro que o dragão guarda. Esta menção permite-nos antever esses bens como desejáveis por um grupo do qual este

³Deusa romana dos enterros.

animal não faz parte. Não nos é dito de quem ele guardava tamanhas riquezas, mas o contexto da fábula poderá levar-nos a crer que “alguém” desejava obtê-las, surgindo daí a necessidade de que fossem protegidas contra possíveis roubos.

Depois, respondendo à questão que lhe foi posta, o dragão revela que não obtém qualquer prazer ou recompensa do trabalho que faz. Fá-lo porque Júpiter lhe atribuiu essa tarefa. A mesma ideia é ainda enfatizada com a referência directa ao Destino, que então se pensava dirigir os caminhos de todos os seres vivos. Assim se poderá descartar a ideia de que o ouro fosse pertença do dragão, sem que este pudesse usufruir dele como entendesse – não só estava destinado a guardar o tesouro, como nem podia sequer usá-lo em seu proveito próprio.

Finalmente, a raposa, adoptando uma postura prudente, deixa claros os seus sentimentos face ao modo de vida do dragão – “Nasce com a ira dos deuses quem é semelhante a ti”, ou seja, têm certamente vidas muito infelizes todos aqueles que, apesar de terem acesso aos maiores bens, nenhum proveito podem ter dessas propriedades. É, essencialmente, o início de uma moral da fábula que se prolonga nos versos seguintes.

Por todas estas considerações podemos compreender que, na visão das fábulas de Fedro, o dragão guarda um tesouro porque entidades divinas lhe atribuíram esse trabalho. Embora os passos aqui tidos em conta não nos informem da origem dos bens, a referência a Júpiter poderia fazer supor uma potencial proveniência ou pertença divina (um elemento importante, a que voltaremos mais à frente). Contudo, as mesmas linhas dão-nos a saber que a criatura não tem qualquer uso real para o tesouro, limitando-se a protegê-lo da avareza de todos aqueles que visitam o local em que habita.

É uma resposta que, de um ponto de vista literário, tem lógica, mas será esta fábula da autoria de Fedro a origem do *topos* literário? Terá sido ele o primeiro a associar tesouros a dragões? Em ambos os casos a resposta parece apresentar-se negativa. Já existiam, nos mitos da Antiguidade, múltiplos exemplos de seres mitológicos que guardavam

preciosidades ou locais importantes, desde o Dragão das Hespérides ou o *drakón* que guardava o Tosão de Ouro até figuras como o cão Cérebro ou as Harpias. Além disso, são vários os autores que circundam cronologicamente este fabulista latino e relacionam os dragões com os tesouros⁴, alguns deles tão conhecidos como Cícero⁵, Marcial⁶, Artemidoro⁷ ou Macróbio⁸.

Na verdade, essa relação parece provir de cultos religiosos que já antecediam Fedro em vários séculos, podendo ter sido importada até da cultura egípcia⁹. Conforme referido por Nilsson (1947), as serpentes (ou dragões) estavam associados ao deus Esculápio, mas nos templos de outros deuses também existiam tesouros protegidos por uma representação dessa criatura¹⁰, possivelmente em virtude da reputação de ter, como justificado por Macróbio, “uma visão muito aguçada e uma natureza atenta”¹¹. Se esta se tratava de uma protecção simbólica, na medida em que uma estátua, por si só, não poderia evitar quaisquer roubos, a sua presença no local provavelmente recordaria um potencial ladrão da vigilância divina de que estava a ser alvo.

Nesse sentido, pelo menos desde o século V a.C. que alguns deuses eram representados como anguiformes; entre eles contavam-se Trofónio, Esculápio, Hígia e Anfiarau, bem como *Zeus Meilichios*, *Zeus Philios* e *Zeus Ktesios*¹², o que nos permite formar uma relação explícita entre esta criatura e Zeus/Júpiter. Não se pretende com isto, evidentemente, argumentar que o dragão da fábula era o próprio deus, mas permite

⁴ Cf. Nilsson 1947: 303.

⁵ Cic. *Phil.* 13.5.

⁶ Mart. 12.53.

⁷ Artem. 2.13.

⁸ Macrob. *Sat.* 1.20.3.

⁹ Nilsson 1947: 305.

¹⁰ Cf. Nilsson 1947: 304-308.

¹¹ Macrob. *Sat.* 1.20.3, traduzido para Português pelo autor do artigo.

¹² Ogden 2013: 272ff.

estabelecê-lo como um servo do monarca dos deuses, bem como atribuir ao tesouro que guardava uma titularidade divina. Somos então levados a uma potencial conclusão – se representações dos dragões protegiam os tesouros nos templos dos deuses, poderia supor-se que os animais (reais) que correspondiam à mesma designação também protegessem riquezas nos locais em que viviam.

Assim, o que Fedro fez foi transferir para a ficção literária uma inferência do que poderá ter visto em alguns locais de culto – a referência ao dragão, cumulativamente servo dos deuses e protector de riquezas – e transportou para o mundo da fábula uma realidade religiosa com que a sua audiência já estava familiarizada. E face a estes argumentos, podemos reconhecer que o autor latino não inventou este *topos*, mas poderá ter contribuído para a sua popularização literária. Tal possibilidade faz ainda mais sentido se tivermos em conta que, conforme nos é dito por Henderson (1999): “Phaedrus is in the Quixotic position of exerting an extraordinarily powerful influence on European tradition, first as the (unacknowledged) primary conduit through which the beast-fable entered Mediaeval culture in Western Europe, second as a base for the revived fable culture of *belles lettres* into the eighteenth century, and third as the ubiquitous elementary text used in élite education through to the early twentieth century”¹³.

Também Renault (2003) acrescenta algo de semelhante: “À l’origine des fables du Moyen Âge, il faut citer Phèdre, l’auteur incontournable par excellence mais qui, et c’est un paradoxe, a sombré dans l’oubli pendant toute cette longue période. Son nom même n’est plus qu’un lointain souvenir dans l’Occident médiéval alors que celui d’Ésope, au contraire, reste dans toutes les mémoires.”¹⁴

Neste sentido, frisem-se duas expressões chave, “unacknowledged” e “sombéré dans l’oubli pendant toute cette longue période”, na medida

¹³Henderson 1999: 320-321.

¹⁴Renault 2003: c. “La tradition phédrienne”.

em que essa influência das fábulas de Fedro, por maior que possa ter sido, poderá igualmente estar tão velada nas produções literárias da Idade Média que não existam muitas atribuições directas à identidade do seu autor. E de facto, quando Lippincott (1981) escreveu sobre a história dos dragões nunca refere Fedro, principiando cronologicamente com a Bíblia e o *Fisiólogo* do século III-IV d.C.¹⁵, quase como se essas duas referências tivessem surgido entre um vazio cultural – mas recorde-se que nenhuma delas fundamenta a razão pela qual se pensava que as criaturas em questão guardavam tesouros. Também fontes mais tardias de alguma importância, como as *Etimologias* de Isidoro de Sevilha ou o *Bestiário de Aberdeen*, nunca revelam essa razão, apesar de mencionarem consistentemente que estas criaturas viviam numa *spelunca*¹⁶, uma caverna, tal a criatura mencionada por Fedro. Estariam os seus autores a pensar no conteúdo da fábula que aqui temos em consideração, a que poderão ter tido acesso sem uma atribuição mais directa? Apesar de nenhum deles nos informar sobre as suas fontes directas, é possível que sim.

65

Em suma, se as alusões aos dragões, pelo facto de serem considerados guardiões de tesouros, têm um fundamento mitológico e religioso, parecendo já anteceder as *Fábulas* de Fedro em pelo menos alguns séculos, a explicação que este nos apresenta na sua fábula “A raposa e o dragão” é a mais antiga e completa a que ainda temos acesso nos nossos dias. Se o autor certamente não inventou este *topos*, pelo menos o conteúdo da sua fábula explicou-o de uma forma breve e poderá ter contribuído para a sua disseminação e popularização, provavelmente até de uma forma anónima, na cultura ocidental da Idade Média, de onde as histórias dos dragões e respectivos tesouros se tornaram conhecidas até aos nossos dias.

¹⁵ Lippincott 1981: 3.

¹⁶ *Etimologias*, 12.4.4-5; *Bestiário de Aberdeen*, f. 66r.

BIBLIOGRAFIA

- Bailey, D. R. S. (1993), *Martial. Epigrams, Volume III: Books 11-14*, Cambridge; Mass.: Loeb Classical Library.
- Bailey, D. R. S. (2010), *Cicero. Orations. Philippics 7-14*, Cambridge; Mass.: Loeb Classical Library.
- Barney, S. A., Lewis, W. J., Beach, J. A., & Berghof, O. (2010), *The Etymologies of Isidore of Seville*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Curley, M. J. (2009), *Physiologus: A Medieval Book of Nature Lore*, Chicago: University of Chicago Press.
- Gibbs, L. (2008), *Aesop's Fables (Oxford World Classics)*, Oxford: Oxford University Press.
- Harris-McCoy, D. (2012), *Artemidorus' Oneirocritica: Text, Translation and Commentary*, Oxford: Oxford University Press.
- Henderson, P. (1999), "Phaedrus' "Fables": The Original Corpus", *Mnemosyne* Fourth Series 52.3 (Jun): 308-329.
- Kaster, R. A. (2011), *Macrobius. Saturnalia, Volume I: Books 1-2*, Cambridge; Mass.: Loeb Classical Library.
- Lippincott, L. W. (1981), "The Unnatural History of Dragons", *Philadelphia Museum of Art Bulletin* 77.334: 2-24.
- Murray, A. T. (1924), *Homer, The Iliad*, Cambridge; Mass.: Harvard University Press. Disponível online: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Hom.+Il.+1.1> [acesso 24-04-2015].
- Nilsson, M. P. (1947), "The Dragon on the Treasure", *The American Journal of Philology* 68.3: 302-309.
- Ogden, D. (2013), *Drakon: Dragon Myth and Serpent Cult in the Greek and Roman Worlds*, Oxford: Oxford University Press.
- Perry, B. E. (1965), *Babrius, Phaedrus, Fables*, Cambridge; Mass.: Loeb Classical Library.
- Renault, P. (2003), "Fable et tradition ésopique", *Folia Electronica Classica (Louvain-la-Neuve)* 6 (Julho - Dezembro). Disponível online em <http://bcs.fltr.ucl.ac.be/FE/06/fable.html> [acesso 24-04-2019].

Senter, P., Mattox, U., & Haddad, E. E. (2016), “Snake to Monster: Conrad Gessner’s Schlangenbuch and the Evolution of the Dragon in the Literature of Natural History”, *Journal of Folklore Research* 53.1-4 (January/April): 67-124.

OUTROS RECURSOS:

Bestiário de Aberdeen, disponível online em <http://www.abdn.ac.uk/bestiary/> [acesso 24-04-2019].

Um agradecimento a Elisabete Cação, e ao *peer* anónimo, pelas suas opiniões relativas a uma versão preliminar deste artigo.

